

MULHERES QUE PESQUISAM: PERCEPÇÕES DA PRÁTICA DURANTE A PANDEMIA

Maria Izaíra da Silva Gil¹
Maria Lúcia Tinoco Pacheco²

INTRODUÇÃO

Como vem acontecendo o período de formação em nível de pós-graduação durante a pandemia? Quais desafios são enfrentados durante a orientação? Pensando nesses questionamentos temos como objetivo relatar alguns dos desafios de ser: mulher-professora e pesquisadora em um mestrado em Ensino Tecnológico evidenciando os processos de orientação e escrita.

Destacamos que este relato pertence a um recorte de uma pesquisa realizada no mestrado³ e caminha pelo estudo bibliográfico sobre a mulher na educação, buscando pontuar alguns aspectos a mulher e a profissão docente. Abordamos os desafios com uso da tecnologia como ferramenta pedagógica para colaborar no processo de ensino-aprendizagem nos momentos de orientação.

E ainda, a relação orientanda e orientadora, que enquanto mulheres-professoras e pesquisadoras enfrentam a diversidade de desafios e possibilidades em um mestrado em Ensino Tecnológico no cenário da pandemia COVID-19.

Pontuamos, a partir da percepção do relato a visão das autoras sobre alguns desafios enfrentados, destacando ressignificações dentro dessa narrativa da mulher que é professora e pesquisadora no momento histórico de uma pandemia.

PERCURSO METODOLÓGICO

¹ Mestranda em Ensino Tecnológico, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM, m.izairagil@gmail.com.

² Professora orientadora: Doutora em Sociedade e Cultura da Amazônia, da Universidade Federal do Amazonas- UFAM. Professora titular do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM, lucia.tinoco@ifam.edu.br.

³ Mestrado em Ensino Tecnológico do Programa de Pós-graduação em Ensino Tecnológico do IFAM.

Partimos da observação vivida e o desejo de relatar a percepção da mulher-professora durante esse período, as práticas desenvolvidas em um Mestrado em Ensino Tecnológico no Amazonas, no cenário em que a COVID-19 toma força no Brasil, destacando, Manaus a primeira cidade que teve o sistema de saúde colapsado em janeiro de 2021, local em que acontecem os desdobramentos desta pesquisa.

A tecnologia antes da pandemia já trazia grandes colaborações para prática docente, porém com a pandemia sua utilização é o único caminho seguro, para manter o distanciamento social. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB 9394/96, deixa claro em seu texto, a utilização da tecnologia, porém aqui, enfatizamos que só a tecnologia pode nos proporcionar o andamento do curso, que acontece de forma remota.

Qualificamos esta pesquisa como qualitativa ao se tratar da observação da ação de mulheres-professoras em período de formação e prática docente. Apontamos um cenário atípico que força a mestrandia e orientadora ao processo de orientação a distância, mediado pela tecnologia.

MULHER-PROFESSORA HÁ TEMPO PARA TANTO?

Ao refletir sobre um conceito de mulher-professora, primeiro consideramos que a mulher não se separa da professora, ambas estão em construção, os desafios da vida pessoal e da prática docente dialogam em um único ser. E ainda, que tal conceito, está muito além da questão da sexualidade, entendendo o ser que se identifica com o feminino, considerando universo de subjetividades da mulher e ainda, com o fazer e a dedicação à educação e a prática docente.

A mulher historicamente carrega as marcas reforçadas socialmente pela força do patriarcalismo, logo a sobrecarga dedicada à mulher ao se dedicar a casa, aos filhos e a família, soma-se a prática docente, e aos processos naturais ao exercício do magistério.

Em Dametto e Esquinsani (2015) apontam que a mulher na educação é aceitável historicamente pela sociedade, o que não acontece em todas as profissões, porque para muitos foi reforçado o conceito da profissão vinculado aos cuidados da maternidade, a professora relacionando a família, reforçado pelo laço de parentesco na “tia”, que como uma mãe, cuida dos alunos, sem um olhar para o desenvolvimento intelectual, mas com o foco no sacerdócio, na subserviência.

Para Macêdo (2020, p. 230), a mulher carrega o peso dos cuidados da família, o que por vezes a leva à exaustão. E ainda, na atuação da prática “[...] as trabalhadoras docentes de Instituições de Ensino Superior (IES), que já enfrentam, além do produtivismo acadêmico que suas realidades profissionais lhes impõem, as jornadas duplas/triplas de trabalho que assumem ao serem mães e donas de casa”.

Ao refletir sobre essas pesquisas e olhar para prática desenvolvida no período de pandemia temos muito claro, questões como a desvalorização do professor, o aumento da jornada de trabalho, uma vez que a sala de aula invade o lar, as práticas perdem o caráter de expediente, os desafios de desenvolver a pesquisa neste cenário, entre outros fatores que somam a exaustão da mulher-professora.

NARRATIVA DE UMA MESTRANDA EM ENSINO TECNOLÓGICO

Os desafios de conciliar o mestrado, a docência e a maternidade são como uma teia cheia com nós embaraçados, e com a pandemia essa teia vai se apertando ao medo, ao aceleração das atividades mediadas por tecnologia, e o no mestrado não foi diferente.

A portaria nº. 345, que decide:

Portaria no. 345, de 19 de março de 2020, no seu artigo 1º decide: Autorizar, em caráter excepcional, a substituição das disciplinas presenciais, em andamento, por aulas que utilizem meios e tecnologias de informação e comunicação, por instituição de educação superior integrante do sistema federal de ensino, de que trata o art. 2º do Decreto nº 9.235, de 15 de dezembro de 2017.

As aulas iniciam e a plataforma Google dá o suporte de atendimento tecnológico, porém as práticas humanas estão longe de serem atendidas. O *Google Classroom* e o *Google Meet* são as ferramentas mais utilizadas. Não há tempo de adaptação, nem formação, nem incentivo ou recursos destinados a dar as condições necessárias ao acesso das aulas, “[...] o avanço tecnológico impõe novos modos de relação com o saber, com o fazer, com o aprender, com as relações interpessoais e com a cultura.” (SILVA, 2002, p.16).

A resignificação de práticas e a grande resiliência são vistas em cada processo de orientação, porque a COVID-19 chega em nossos lares, então temos que desenvolver

abruptamente novas relações com o saber. Tivemos que enfrentar durante a escrita, processos de adoecimento físico, perda de entes queridos, e busca por recuperação tanto física, quanto intelectual, porque o fator emocional influencia diretamente a prática.

O período de escrita é totalmente complexo e comprometido, porque se misturam o desejo de caminhar na formação, concluir o curso, a ciência da responsabilidade com a docência, com a sensibilidade emocional e cansaço. Misturam-se os cuidados com a família aos fazeres da sala de aula, e os processos da pesquisa. O cansaço pelas horas em claro em atendimento às demandas no ensino remoto, no período de orientação, e ainda o recrudescimento da pandemia influenciam diretamente a escrita da dissertação.

Orientadora e orientanda permanecem utilizando os meios tecnológicos para cumprir seus afazeres docentes e de pesquisa, e lide dando com os cuidados com a saúde própria e dos familiares, fazendo atendimento utilizando recursos próprios e contas pessoais, fatores que somam a sobrecarga da mulher-professora, porque as aulas continuam remotamente e sem nenhum processo estrutural para regravar os horários de trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os desafios que estão por trás do exercício da docência e claro do ser mulher em nossa sociedade, evidenciam a necessidade de repensar a formação de professores, assumir uma responsabilidade com a mulher-professora dentro da prática, reconhecendo que suas ações são cruciais para o avanço exercício efetivo do magistério, e tentando colaborar para diminuir essa sobrecarga de trabalho.

A busca pela formação é fundamental para a docência, por isso o compromisso, mesmo diante da pandemia, de continuar com a escrita e orientação, porém temos ciência de que a escrita produzida durante esse período de agravamento da pandemia foi comprometida, e que fatores como a excessiva jornada de trabalho influenciam negativamente o fazer da pesquisadora e os caminhos que a orientação seguiria.

Por mais que, esta pesquisa esteja limitada a relação orientanda/orientadora durante o período pandêmico, podemos afirmar as colaborações da tecnologia no processo educacional, porém se faz necessário atentar às questões da prática das

relações humanas, para não permitir que a precarização do trabalho docente avance, excluindo o ser e suas subjetividades atrás da máquina.

Reforçamos que estas discussões devem ir além do mestrado, partindo para formação de professores desde a formação inicial, porque é na formação inicial que vamos construindo o alicerce técnico, mas também o da prática. Logo, a mulher-professora deve primar por ter dentro de sua vida particular e profissional o equilíbrio, conduzindo o trabalho docente dentro de suas limitações humanas.

Por fim, apontamos que esta discussão compõe uma pequena parte de uma dissertação maior que irá caminhar pelo uso da tecnologia como grande colaboradora no processo de pensar o que se evidencia e registra da mulher-professora no ato de refletir sobre seu processo de construção e formação docente. E ainda, serve de fonte referencial para a comunidade acadêmica que pesquisa sobre essa problemática.

Palavras-chave: Mulher-professora; Ensino Tecnológico; Pandemia.

AGRADECIMENTOS

A minha orientadora Dra. Maria Lúcia Tinoco Pacheco pelas orientações muito além da pesquisa. Um exemplo lindo de mulher, mãe, professora e pesquisadora, que tenho a honra de contar nos desafios da vida acadêmica. Aos professores do Programa de Pós-graduação em Ensino Tecnológico.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 9.394. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União 1996; 20 dez. Brasil. **Lei nº 9.394**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União 1996; 20 dez.

BRASIL. Ministério da Educação. Fica autorizada, em caráter excepcional, a substituição das disciplinas presenciais, em andamento, por aulas que utilizem meios e tecnologias de informação e comunicação, por instituição de educação superior integrante do sistema federal de ensino, de que trata o art. 2º do Decreto nº 9.235, de 15 de dezembro de 2017. **Portaria no. 345, de 19 de março de 2020**. Disponível em: <https://abmes.org.br/arquivos/legislacoes/Portaria-mec-345-2020-03-19.pdf> Acesso em: 20.jul.2020.

DAMETTO, Jarbas; ESQUINSANI, Rosimar Serena Siqueira. **Mãe, mulher... professora! Questões de gênero e trabalho docente na agenda educacional contemporânea**. Acta Scientiarum, v. 37, n. 2, p. 149- 155, jul.-dec. 2015.

MACÊDO, Shirley. Ser mulher trabalhadora e mãe no contexto da pandemia Covid19: tecendo sentidos. **Revista do NUFEN**, v. 12, n. 2, p. 187-204, 2020. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-2591202000020001 > Acesso em: 30 ago. 2021.

SILVA, Geraldo Lúcio. **O Aprender ao aprender na educação tecnológica. Dissertação (mestrado)** - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico. Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, 2002. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/83735>. Acesso em 20. jul.2020.